

A CONSTRUÇÃO DE MODELOS: DISCURSOS E PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO FEMININA NO PERNAMBUCO COLONIAL

Ms. Alberon de Lemos Gomes¹ - UPE

A educação das mulheres, dentro do processo de afirmação da mentalidade tridentina e barroca europeia nos trópicos, era um procedimento de suma importância para a consolidação dos ditames temporais e espirituais com vistas ao sucesso da ação colonizadoraⁱ. Com base no relato de cronistas e viajantes, nos discursos de teólogos, buscaremos aqui reconstituir a teia social dos discursos e práticas da educação feminina na América Portuguesa, em especial, na capitania de Pernambuco.

Na Europa moderna, no seio da cultura barroca, devido ao surgimento da dita vida das Cortes, um novo lugar foi destinado à figura feminina das elites. Neste escalão superior da sociedade europeia a instrução foi um fator, cada vez mais, cobrado e exigido das moças casadoiras. Segundo Jean Delumeau,

“só no século XVII é que a instrução das raparigas fora de casa, graças, em especial, às Ursulinas e às Visitandinas, foi um facto de real importância social. Mas, no século XVI, havia mais mulheres cultas que em nenhuma outra época anterior”.ⁱⁱ

Em Portugal, segundo a historiadora lusitana Maria Antónia Lopes, esse fenômeno só viria a ocorrer na segunda metade do século XVIII; antes deste período, segundo a autora, prevalecia na sociedade lusa um discurso normativo em torno da figura feminina marcado pela claustromania e recusa da sociabilidade heterossexual.ⁱⁱⁱ Para Maria Antónia Lopes, pelo menos até a segunda metade dos setecentos,

¹ Mestre em História pela UFPE e professor da FFFPNM-UPE.

“o discurso normativo cristão insistiu, relativamente à mulher, em duas grandes exigências de comportamento: a proibição do convívio entre homens e mulheres e a necessidade absoluta da clausura feminina para possibilitar essa mesma segregação sexual prescrita”.^{iv}

Ainda no século XVIII, o autor ilustrado lusitano Luís António Verney, que, sob a tutela do Marquês de Pombal, reformulou o sistema de ensino lusitano, ao publicar em 1746 o seu *Verdadeiro Método de Ensinar*, onde admoestava que

“quanto à necessidade, eu acho-a grande que as mulheres estudem. Elas, principalmente as mães de família, são as nossas mestras nos primeiros anos da nossa vida; elas nos ensinam a língua; elas nos dão as primeiras idéias das coisas. E que coisa boa nos hão-de ensinar, se elas não sabem o que dizer? Certamente que os prejuízos que nos metem na cabeça na nossa meninice são sumamente prejudiciais em todos os estados da vida; e quer-se um grande estudo e reflexão para se despir deles. Além disso, elas governam a casa, e a direção do econômico fica na esfera da sua jurisdição. E que coisa boa pode fazer uma mulher que não tem alguma idéia da economia?”^v

Na América Portuguesa, essas mudanças não se processariam antes da segunda metade do século XIX. Em 1798, o bispo de Pernambuco D. José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho, ao redigir os *Estatutos do Recolhimento de Nossa Senhora da Glória do Lugar da Boa Vista de Pernambuco*, proclamava que

“aqueles que não conhecem o grande fluxo, que as mulheres têm no bem, ou no mal das sociedades, parece que até nem querem que elas tenham alguma educação; mas isto é um engano, um erro, que traz o seu princípio da ignorância. As mulheres, ainda que se não destinem para fazer a guerra, nem para ocupar o ministério das coisas sagradas,

não têm contudo ocupações menos importantes ao público. Elas têm uma casa para governar, marido que fazer feliz e filhos que educar na virtude”.^{vi}

O ideal da matrona se cristalizava, o comportamento perfeito através de uma educação que, voltada para o governo da casa, do marido e dos filhos, limitava-se à apreensão de conhecimentos de leitura e escrita, além da necessidade de saber coser, contar e bordar.

Um exemplo representativo dessa ideologia é uma das inúmeras histórias de Gonçalo Fernandes Trancozo, cuja primeira publicação data da Lisboa de 1575, onde ele nos apresenta o abecedário da matrona exemplar:

“o A quer dizer que seja amiga da sua casa

e o B bem quista da vizinhança

e o C caridosa com os pobres

e o D devota da Virgem

e o E entendida em seu ofício

e o F firme na fé

e o G Guardadeira de sua fazenda

e o H humilde a seu marido

e o I inimiga de mexericos

e o L leal

e o M mansa

e o N nobre

e o O onesta

e o P prudente

e o Q quieta

e o R regrada

e o S sezuda

e o T trabalhadeira

e o V virtuosa

e o Z zelosa da honra

Quando tiver tudo isto anexo a si, que lhe fique próprio, creia que sabe mais letras que todos os filósofos”.^{vii}

Já para Francisco Manuel de Melo, autor do *Carta de Guia dos Casados* (1651), “*a mulher que mais sabe, não passa de saber arrumar húa arca de roupa branca*” e que para ela “*o melhor livro é a almofada e o bastidor*”.^{viii}

Vistas pela classe letrada metropolitana e colonial como o “*Imbecilitus sexus*”, as mulheres da colônia, assim como muitas do reino, só podiam desfrutar deste tipo de formação educacional. Para tal, os espaços existentes eram os chamados recolhimentos. Estes eram a alternativa às mulheres que gostariam de levar uma vida reclusa, numa sociedade onde os conventos eram limitados e condenados pela coroa lusa, tendo em vista a escassez de mulheres brancas e a importância destas no projeto de colonização. Esses espaços também acabavam sendo utilizados como educandários das filhas da elite colonial.

O primeiro recolhimento que tivemos notícias na capitania de Pernambuco foi o de Branca Dias, que funcionava como escola de trabalhos manuais para as moças da açucarocracia olindense. Nos autos inquisitoriais algumas ex-alunas, ao denunciarem Branca Dias e seus familiares por práticas judaizantes, acabaram por expor um pouco do cotidiano desta instituição.

É o caso de Joanna Fernandes que aos três de novembro de 1593 relatava ao inquisidor Heitor Furtado de Mendonça que

“averá trinta e quatro ou trinta e cinco annos que indo ella aprender a coser e a lavrar a casa de Branca Dias(...); cujas filhas Inês

Fernandes e Guiomar Fernandes que então solteiras insinavão a lavrar e cozer em casa da ditta sua mãe Branca Dias, ella denunciante vio no ditto tempo que na sua casa andou aprendendo que seria espaço de hum anno que a ditta Branca Dias guardava os sabbados”.^{ix}

Assim como também, Isabel Frasoa que disse, três dias depois perante o mesmo tribunal, que

“ em casa della dicta Branca Dias esteve das portas a dentro tres ou quatro meses pouco mais ou menos, aprendendo a coser e lavrar com as suas filhas, as quais insinavão tambem a outras muitas moças de fóra a coser e lavrar”.^x

Há registros também de um recolhimento da devoção do Sagrado Coração de Jesus, fundado pelo jesuíta Gabriel Malagrida em Igarassu, por volta do século XVII.^{xi} Em 1817, o cronista Tollenare nos informa que

“não há conventos de freiras na Capitania de Pernambuco; mas Olinda contém um recolhimento para o sexo feminino, no qual não fazem votos. Estas senhoras recebem algumas pensionistas, às quais nada podem ensinar porque elas mesmas nada sabem. Fazem um pequeno comércio de doces e de obras de agulha. É lá que se costuma ir mandar quando não se tem amigos na cidade, em casa de quem repousar”.^{xii}

Para a historiadora Arilda Inês Miranda Ribeiro,

“não existindo um sistema formal de educação feminina na colônia, esta apenas acontecia no interior dos conventos e recolhimentos. Eram esses então, a única alternativa aceitável para as mulheres, além do casamento pactuado pelo pai em função dos interesses econômicos. Sendo os conventos e recolhimentos instituições religiosas, é conveniente lembrar o papel da igreja como elemento

mediador entre os interesses dominantes da sociedade, que em grande parte eram também os seus e os vários segmentos socialmente dominados”.^{xiii}

Sustentadas pelos pais, aquelas que ingressavam nos recolhimentos, penetravam numa das câmaras do universo dos discursos da boa conduta moral e social; discursos estes que lhes garantiam a condição de nobres senhoras – se levados na prática à risca – ,evitando os danos da vida ociosa e libertina, pois como afirmava Azeredo Coutinho:

“a ignorância de uma menina, criada na ociosidade, é causa de que ela se enfade de si mesma, e não saiba em que se ocupe inocentemente. Quando chegar a uma certa idade sem se aplicar das coisas sólidas, ela não pode ter gosto nem estimação do que é bom: tudo o que exige uma atenção continuada a fatiga: a inclinação aos divertimentos, os costumes de estar ociosa, e o exemplo dos outros da mesma idade, e de igual condição, tudo concorre para fazer temer uma vida laboriosa e regular”.^{xiv}

Preparadas desde cedo para a vida conjugal, essas meninas encontrariam, para muitos dos produtores dos discursos misóginos do universo barroco e tridentino, sua função social apenas com a realização do matrimônio e da maternidade.

Uma forma de se sobressair no seio de uma sociedade onde a figura feminina deveria restringir-se quase que estritamente ao ambiente doméstico, seria esmerando-se na formação educacional e destacando-se nos campos intelectual e da arte. Fato este quase que inexistente entre as mulheres da colônia. Mesmo assim, Domingos Loreto Couto nos relata de algumas matronas pernambucanas que se destacaram nesse campo. “*Nas letras*” nos conta o carmelita

“floreceu com grandes creditos D. Ritta Joanna de Souza, natural da cidade de Olinda, e filha do doutor João Mendo Teixeira. Com a

viveza do seu subtil engenho penetrou mais que ninguém os segredos da Filosofia natural, em que compoz diversos opúsculos. Teve grande lição das histórias da França, e hespanha, e com tanta applicação, que ajudada da sua admirável memória dava de todos os successos especifica e individual noticia. Inclinou-se a pintura, e obrou nesta arte os maiores prodígios, que a fama publica dos mais insignes mestres, que a professarão.^{xv}

Nos apresenta ainda Loreto Couto às filhas do pintor Antonio Sepúlveda, também naturais de Olinda, chamadas Thereza, Lucinda, Verônica e Luciana, que com o pai aprenderam o ofício e

“com poucas liçoens sahirão todas muy consumadas nesta arte; riscam, debuxão, e pitão com perfeição, e singularidade tal, quanto inculca, o singular apreço, que se faz de qualquer artificio seu.^{xvi}

A lista do frade não para nomeando, segundo ele, as *“heroínas pernambucanas que florecerão em letras”*: D. Anna Francisca Xavier Lins, D. Thereza Lins, D. Maria de Lacerda, D. Isabel de Barros, D. Antonia Cosma dos Santos e D. Laura Soares Gondim.^{xvii}

Eram formas diversas, e muitas vezes raras, de divergir do modelo misógino que o projeto colonial, a ideologia católica tridentina e a mentalidade barroca tentava impor às mulheres dentro da sociedade colonial brasileira.

ⁱ Sobre este aspecto vide GOMES, Alberon de Lemos. *A Matrona & o Padre: Discursos, Práticas e Vivências das relações entre Catolicismo, Gênero e Família na Capitania de Pernambuco*. (Dissertação de Mestrado). Recife: UFPE, 2003.

ⁱⁱ DELUMEAU, Jean. *A Civilização do Renascimento*. Volume 2. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. p. 88.(2 vols.).

ⁱⁱⁱ Vide LOPES, Maria Antónia. *Mulheres, Espaço e Sociabilidade: A Transformação dos Papéis Femininos em Portugal à luz de Fontes Literárias (Segunda Metade do Século XVIII)*. Lisboa: Livros Horizonte, 1989. Em especial, o capítulo I: “O Discurso Normativo Preexistente”. pp. 17-65.

^{iv} *Idem*. p. 17.

^v VERNEY, Luís António. *Verdadeiro Método de Estudar*. (volume 5). Lisboa: Sá da Costa, 1952. p. 125.

^{vi} Apud SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura no Brasil Colônia*. Petrópolis: Vozes, 1981. p. 71. Grifo nosso.

^{vii} Apud RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. *A Educação da Mulher no Brasil-Colônia*. São Paulo: Arte & Ciência, 1997. pp. 75-76.

^{viii} Apud BOXER, C. R. *A Mulher na Expansão Ultramarina Ibérica (1415-1815)* : Alguns Factos, Idéias e Personalidades. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.. p. 126.

^{ix} PRIMEIRA VISITAÇÃO DO SANTO OFÍCIO ÀS PARTES DO BRASIL: *Denúncias e Confissões de Pernambuco*.(1593-1595). Recife: FUNDAEPE, 1984.*Denúncias de Pernambuco (1593-1595)*. pp. 30-31.

^x *Idem*. p.44.

^{xi} Vide ASSIS, Virgínia Maria Almoêdo de. “ Clero e Coroa na Capitania de Pernambuco”. In: *CLIO: Revista de Pesquisa Histórica*. UFPE. No. 16, Recife: Editora Universitária, 1996. p. 148.

^{xii} TOLLENARE, L. F. de. *Notas Dominicais*. Recife: CEPE/Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco, 1978. p.131.

^{xiii} RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. *A Educação da Mulher no Brasil-Colônia*. p. 89.

^{xiv} Apud SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura no Brasil Colônia*. p. 69.

^{xv} COUTO, Domingos Loreto. *Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981.pp. 521-522.

^{xvi} *Idem*. p. 522.

^{xvii} Para uma visão da produção literária feminina na colônia, vide RENOLDI-TOCALINO, Magda M. “Vozes no Escuro: Notas sobre a Escrita da mulher Brasileira no período Colonial”. In: *Revista Brasileira de História*. Vol. 12, No. 23/24. São Paulo: ANPUH/marco Zero/STC-CNPq-FINEP, set. 1991/ago.1992. pp. 167-179.